

Depois do tempo

Marcelo Conti

Travar contato com um trabalho de fundo cultural não exige grandes pesquisas. Basta estar na rua, entrar num táxi, ou assistir aos inúmeros espetáculos de todos os tipos de segmentos que estão encravados em palcos de todo o mundo. A criatividade manda o recado, e a vocação de alguém transforma essa mensagem em momentos que, muitas vezes, são de rara oportunidade para não dizer de felicidade.

Era o início da década de 70, e eu morava com minha família nos Jardins onde, numa de suas esquinas havia um imóvel que nesta época estava ocupado por um Restaurante – “Jardim do Chopp”.

O Jardim do Chopp fez história nos anos 70 / 80, primeiro porque era diariamente freqüentado por, entre outros clientes, advogados advindos da Faculdade do Largo de São Francisco, gente que consumia sem dó, e invariavelmente tinha alguma história interessante para contar, e depois porque viveu momentos de glória (e de lotação) durante a disputa da Copa do Mundo de 70, e posteriormente com a comemoração de sua conquista pelo Brasil.

Pela proximidade de nossas casas, e também pela comodidade e certo conforto que o local proporcionava a vizinhança sempre ia ao Jardim do Chopp, nem que fosse só prá dar uma espiadela, bater um papo com os garçons, ou mesmo para beber alguma coisa.

Havia, no entanto, algo mais naquela casa hospitaleira e de boa comida. Um garçom de nome Ludimar de Miranda, ou Miranda, compunha poesias, e ao servir o que pedíamos nos brindava com declamações emocionadas de versos “feitos de palavras ditadas pelo coração”, segundo definição do próprio. Miranda é mineiro, e nasceu poeta uma vez que seu sentimento extrapola de forma fácil, bonita, bem escrita, a vontade de externar o que de mais puro tem o ser humano, que é o amor pela vida, claro, nela também inserida a figura da mulher. Era incrível a facilidade com a qual aquele homem simples nos trazia os temas, derramando palavras misturadas com lágrimas enquanto viajávamos no infinito, imaginando como os poetas têm a capacidade de falar por nós tudo aquilo que não conseguimos dizer.

O tempo passou, eu me mudei e o Jardim do Chopp deu lugar a outras casas, terminando enfim, e lógico, num prédio de apartamentos de alto padrão. Anos depois, já na década de 2000 deparei com a foto de Ludimar de Miranda estampada no jornal da Vila Mariana, onde hoje é gerente de uma tradicional e bem conceituada casa de galletos na brasa. Fui até ele, claro, e a emoção (de novo a emoção) falou mais alto quando nos vimos. Sentamos por uns instantes, e nem bem tentamos matar a saudade que tínhamos do tempo que se foi e Miranda já largou seus versos inéditos sobre a toalha da mesa. Tem vários livros publicados, ficou até meio famoso pelas fotos que me mostrou, algumas em companhia de Ministros, Secretários, mas muitas ao lado de gente simples como ele.

Nas décadas que se passaram sem que visse Miranda, guardei na memória uma de suas poesias, e volta e meia me metia a recitá-las para meus filhos ou para amigos. Seu texto relata a ida de alguém, um tempo depois, ao lugar em que morou. Já imaginaram quanto sentimento nas lembranças dos detalhes da casa em que moramos quando crianças? Pois Miranda traz esse sentimento de forma simples e clara.

Segue abaixo a poesia que jamais esqueci, e que me levou a um tempo que não voltará mais. Composta por um verdadeiro artista, e eternamente amigo.

DEPOIS DO TEMPO

Ludimar de Miranda

Roseiras formosas, sem folhas, sem rosas.

A casa sumida na moita crescida.

Uma porta encostada, sem trinco, sem nada;

Uma tampa de mala,

Um par de chinelos, um livro amarelo,

Cascas de nozes, um coro de vozes,

Minha velha mesa de estudo:

Meu escudo de guerreiro valente.

Na varanda em frente os pássaros chegaram,

E com medo voaram; com medo da gente.

Na água corrente, agora parada, não vejo mais nada.

Só está no fundo, fugindo do mundo,

Um sapo sozinho, todo encolhido,

Parecendo comigo:

Voltando também, não encontrando ninguém...

Setembro de 2011